

E depois da reforma? Golfe, viagens ou... continuar a trabalhar

SÃO POUCOS OS REFORMADOS que continuam a trabalhar. Mas há quem o faça pelo prazer de se manter activo e de fazer o que gosta.

Carla Castro
ccastro@economicasgps.com

Como já tinha dado a volta ao mundo, viajar não era a sua prioridade e António Ribeiro dos Santos queria aproveitar a reforma para fazer o que sempre tinha ambicionado: jogar golfe, colecionar qualquer coisa, inscrever-se numa universidade da terceira idade, etc... Acabou por voltar a adiar esses projectos e o que acabou por fazer foi abrir o seu próprio negócio, apostando também em ter mais tempo disponível para a família e os amigos, que sempre lhe faltou enquanto exerceu a actividade profissional.

“Aproveitei a experiência internacional, que adquiri nos últimos anos de trabalho, e abri o meu próprio negócio de exportação de produtos de grande consumo e higiene pessoal”, conta ao DE António Ribeiro dos Santos, de 65 anos, reformado desde 2002 da Johnson & Johnson onde era vice-presidente para a área internacional.

E os sonhos do golfe e tudo o que queria fazer quando se reformasse? “Cheguei rapidamente à conclusão de que não era suficiente. Não contribuía para manter o estado de espírito jovem”, desabafa. Tal como António Ribeiro dos Santos, há muitos casos de reformados que não querem ficar sem ocupação quando abandonam a vida activa e optam por se entregar a uma qualquer actividade, remunerada ou não, muitas vezes em regime de voluntariado. Apesar disso, são uma minoria. “Não há muita gente a trabalhar depois da reforma”, esclarece Ana Teixeira, ‘country manager’ da consultora de recursos humanos MRI Network. Os reformados ainda activos que falaram com o Diário Económico comprovam-no: dos seus amigos reformados não conhecem muitos que ainda trabalhem.

“Acho que é muito bom estar ocupada. Ainda faço um trabalho útil e ainda não é um sacrifício”, diz Miquelina Fernandes, ‘Chief Financial and Administration Officer’ da própria MRI, que vai fazer 75 anos e tem um horário de trabalho que não a deixa ficar atrás de muitos jovens de 20.

Licenciada em História, nunca trabalhou nesta área e antes de se reformar estava na área de recur-



Ana Teixeira
‘Country manager’
da MRI Network

“As pessoas querem sentir-se úteis, desejadas e valorizadas. Por vezes até com trabalhos menos remunerados ou mesmo não remunerados”.

“Aproveitei a minha experiência internacional (...) e abri o meu próprio negócio de exportação”, diz António Ribeiro dos Santos, que era vice-presidente para a área internacional da Johnson&Johnson.

sos humanos da Projornal. “Chego sempre cedo, às 8 da manhã e depois nunca sei quando saio. Tenho dias em que estou aqui até às nove e meia da noite”, diz.

Para Ana Teixeira, a explicação para as pessoas quererem manter-se activas é simples: “As pessoas querem sentir-se úteis, desejadas, valorizadas. Por vezes até com trabalhos menos remunerados ou não remunerados, como voluntários”.

Por vezes, a vontade de trabalhar está também relacionada com o facto de um dos cônjuges continuar activo enquanto o outro se reforma. “Cria-se um desequilíbrio na relação entre marido e mulher”, defende António Ribeiro dos Santos.

O bichinho da escrita

O bichinho da escrita sempre esteve lá e assim que abandonou o cargo de director-geral da Johnson & Johnson e se reformou, aos 57 anos, Nídio Duarte mudou-se para Lagos, cidade onde nasceu, para se dedicar a fazer o que mais gosta. “A escrita não é como uma obrigação. Escrevo quando me apetece”, conta. Aos 69 anos, já publicou vários livros de prosa e poesia e ainda escreve para jornais e tem uma crónica numa rádio local. “Sinto-me bem. Com quase 70 anos tenho uma vida muito activa. E ainda participo nas reuniões públicas da câmara onde gosto de levantar questões”, acrescenta.

Saudades de Lisboa é coisa que Nídio Duarte diz que não teria, não fosse o facto de os netos lá viverem. “Agora tenho muito mais qualidade de vida. Eram quase 24 horas de preocupação e ‘stress’”, desabafa.

O director-geral que se transformou em escritor-jornalista, que se orgulha de ter sido o primeiro presidente em Portugal da Johnson&Johnson sem ter tirado um curso superior, é ainda vice-presidente da direcção da IPSS Caslas, com o pelouro dos deficientes motores. “É voluntariado puro e é muito gratificante”, faz questão de sublinhar. Trabalha cinco a seis horas diariamente e diz: “Chego ao fim do dia sempre com coisas por fazer”. ■



Gostar de arriscar não passa com a idade. Com 59 anos, Richard Branson é um exemplo a nível de inovação e empreendedorismo. E em breve vai à Lua. Quando tiver mais de 60...

Metade da população

Em 2008, a população empregada aumentou,

Raquel Carvalho
rcarvalho@economicasgps.com

Para o crescimento anual da população empregada em 2008 foi determinante o contributo do grupo populacional entre os 45 e os 64 anos, que aumentou 2,1% (37,1 mil indivíduos).

Esta é uma das conclusões das últimas estatísticas de emprego, referentes ao quarto trimestre de 2008, elaboradas pelo Instituto Nacional de Es-

tatística (INE).

A análise por grupo etário, também revela que a população acima dos 50 anos continua activa e a ter um papel determinante na taxa de emprego nacional.

De acordo com o estudo do INE, o crescimento anual da população activa foi sustentado exclusivamente pelo aumento da população da faixa etária dos 35 aos 64 anos, que aumentou num total de 36,6 mil indivíduos.